

PERDIDOS NA SELVA

# Brasileiros vivem sob ameaça na Bolívia

Militares querem deter "invasão pacífica" de 10 mil vizinhos, que vivem ilegalmente e até votaram no país

LUIZ MALAVOLTA  
 Da Agência Folha, na Bolívia

Eles são cerca de 10 mil brasileiros, vivem em condições precárias, poucos possuem documentação regular, a maioria tem origem no Nordeste e está sob pressão das Forças Armadas bolivianas.

Perdidos na selva, acabaram cruzando a fronteira e se instalando no Departamento de Pando, pobre e isolado Estado da Bolívia, que faz divisa com Acre e Rondônia.

São pessoas como Raimundo Luiz de Brito, 58, que fugiu da seca do Ceará e está há 30 anos em Pando, onde vive da exploração da borracha e da castanha.

O trabalho não rende nem o suficiente para comer. Para cada quilo de borracha que vende, recebe R\$ 0,60. "Dificilmente consigo ganhar R\$ 10 por um dia de trabalho. Se consigo comer, é porque planto", diz.

Militares bolivianos consideram a presença brasileira uma espécie de "invasão pacífica". E, para detê-la, o comandante das Forças Armadas, general Reynaldo Cáceres, anunciou na semana passada a construção de um forte militar em Cobija, capital de Pando, na divisa com o Acre.

"Os brasileiros que estão na Bolívia vivem em condições subumanas, vítimas de todo tipo de arbitrariedade e pressão", diz o bispo de Rio Branco (AC), dom Moacir Grechy. "Eles chegaram por opção de sobrevivência".

Mas a luta pela sobrevivência teria ultrapassado limites: os auto-exilados brasileiros, segundo denúncias de bolivianos, estariam invadindo terras para explorar ilegalmente madeira, látex (do qual se faz a borracha) e castanha.

Com base em censos da Igreja Católica na área, o bispo Grechy estima que o número de brasileiros em Pando atingiu 15 mil logo após o Plano Collor, mas 5.000 teriam retornado ao país nos últimos quatro anos.

Grechy diz estar "preocupado" com o anúncio da construção do forte, que custará cerca de US\$ 6 milhões à Bolívia. "Os brasileiros não têm nenhum direito lá. Agora, nós temos represálias".

O problema da "invasão" de Pando é agravado por questões políticas. Nas eleições gerais de 1993, cerca de mil brasileiros votaram no Estado.

O novo governo descobriu que os títulos eram falsificados. O secretário de Agricultura de Pando, Jorge Franco Matny, 31, diz que os títulos teriam sido falsificados por políticos ligados ao MIR (Movimento da Esquerda Revolucionária), que perdeu a eleição.

"Os títulos foram cancelados, mas garantimos que não houve e nem haverá represálias por isso", afirma Matny, que morou no Brasil e diz ter trabalhado no Acre com o líder seringueiro Chico Mendes.

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil acompanha o caso e informa que o ministro da Defesa da Bolívia, Raúl Tovar, deu garantias de que não haverá hostilidade.

Mas o presidente da Bolívia, Gonzalo Sánchez de Lozada, esteve em Cobija na semana passada e disse, em entrevista coletiva, que está preocupado com a "soberania" do Estado de Pando.

"A presença das Forças Armadas é para buscar soluções pacíficas", disse.

A reportagem da Agência Folha percorreu na semana passada uma região de quase 200 km no interior de Pando, onde vivem brasileiros.

A maioria trabalha no meio da floresta e está praticamente isolada do mundo.

A socióloga Guadalupe Vacallanos, 36, funcionária da Secretaria de Desenvolvimento Rural de Pando, diz que os brasileiros resistem a registrar seus filhos como bolivianos.

"Se assim o fizessem, automaticamente ganhariam a condição de cidadãos bolivianos e não teriam problemas com as autoridades. Mas muitos vão até o Acre registrar os filhos como brasileiros", diz.

Para o cearense Raimundo da Silva Santiago, essa é uma manifestação de "orgulho" dos brasileiros que vivem na Bolívia.

A lei boliviana de estrangeiros não é tão rígida quanto a brasileira, que atualmente proíbe a imigração e expulsa os que estejam ilegais.

Na Bolívia, o estrangeiro que pagar uma taxa de 60 bolivianos (o equivalente a R\$ 12) pode ficar por três meses no país e até trabalhar.



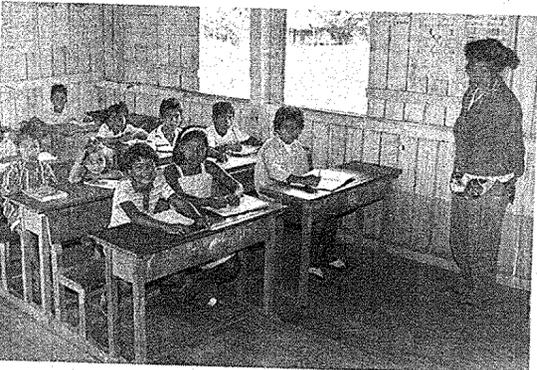
O brasileiro Raimundo Luiz de Brito trabalha como seringueiro em seu sítio na Bolívia



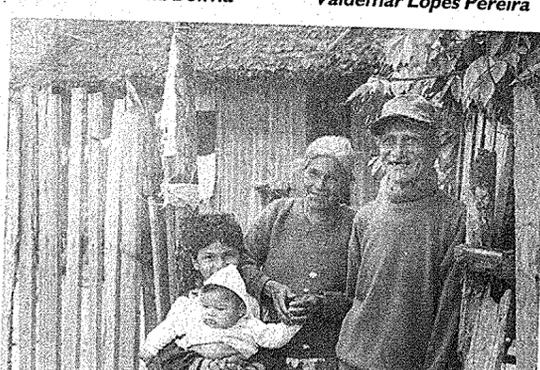
Maria com os netos



Valdemar Lopes Pereira



Crianças brasileiras e bolivianas na escola em Pando



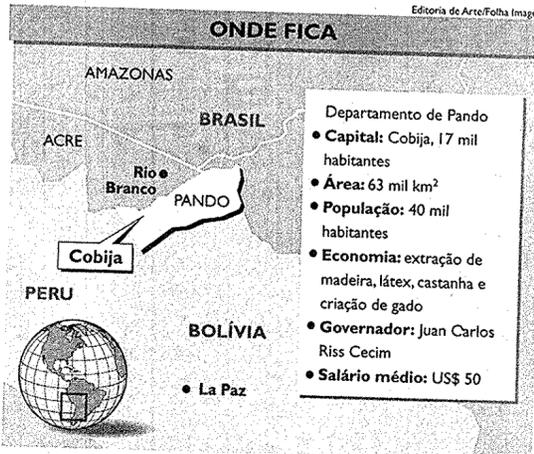
Alderico, a mulher, Angélica, e os netos Carlos e Jorge



Lídio Bezerra



Valdecir, caminhoneiro brasileiro que vive do transporte de madeira, em Pando



## Governador elogia brasileiros

Da Agência Folha, na Bolívia

O governador de Pando, Juan Carlos Riss Cecim, 40, disse que os brasileiros têm sido importantes para a economia do seu Estado.

Pando é considerado o Estado mais isolado e pobre da Bolívia. Seu território tem 63 mil quilômetros quadrados, área equivalente a quase três vezes o Estado brasileiro de Sergipe.

"Os brasileiros vieram para cá e, solitariamente, fizeram o desenvolvimento de uma região isolada e que nunca mereceu a atenção das autoridades bolivianas", afirmou Cecim.

Segundo ele, o atual governo central (federal) da Bolívia não

pretende expulsar as famílias de brasileiros na região nem causar problemas para elas.

"O governo vai mesmo é regularizar a situação de todos os brasileiros, que sempre foram importantes economicamente para nós", disse ele.

O presidente da Bolívia, Gonzalo Sánchez de Lozada, esteve na semana passada em Cobija, capital de Pando.

Em entrevista coletiva, ele disse que não está preocupado com a presença de brasileiros na área.

"A presença das Forças Armadas visa a buscar soluções pacíficas para preservar os direitos de ambos os lados", afirmou o presidente Lozada.

## Problemas vêm do século 19

Da Redação

Os problemas fronteiriços com a Bolívia começaram no final do século passado.

Até então, existia uma fronteira provisória, estabelecida por sucessivos tratados (Madri, de 1750, Santo Ildefonso, de 1777, e Ayacucho, de 1867), que atravessava uma região escassamente povoada.

No fim do século 19, os seringueiros (na maioria brasileiros) ocuparam a região. O governo boliviano estabeleceu então uma alfândega no rio Acre para controlar a exportação da borracha.

Isso provocou uma revolta dos seringueiros — em agosto de 1899 —, que chegaram a organizar

o Estado Independente do Acre, governado pelo espanhol Luís Galvez Rodrigues Arias. Bolívia e Brasil iniciaram entendimentos para fixar a fronteira. Em julho de 1901, porém, a Bolívia arrendou toda a área a uma empresa norte-americana. Os seringueiros, comandados por Plácido de Castro, se revoltaram em agosto de 1902. As tropas bolivianas enviadas à região se renderam em maio de 1903.

O governo boliviano retomou então as negociações com o Brasil, concluídas com o Tratado de Petrópolis (novembro de 1903), que cedeu a maior parte da área em litígio. Em troca, o Brasil pagou dois milhões de libras esterlinas e fez uma estrada de ferro.

## Países vão discutir imigrantes

Da Agência Folha, em São Paulo

Os ministérios das Relações Exteriores do Brasil e da Bolívia decidiram discutir nos próximos dias a situação dos "brasilianos" de Pando.

A informação é da diplomata Maria Dulce Silva Barros, conselheira da embaixada do Brasil em La Paz. A data do encontro ainda não foi definida.

Barros está respondendo interinamente pela embaixada brasileira. O novo embaixador, Marcos César Naslauskys, assume nos próximos dias.

Segundo a diplomata, as declarações do general Reynaldo Cáceres sobre os "brasilianos" causa-

ram apreensão entre os brasileiros.

"As Forças Armadas da Bolívia estão preocupadas com o abandono de Pando, daí as declarações sobre a soberania do território. Não houve, porém, qualquer tipo de hostilidade aos brasileiros por parte dos bolivianos", disse.

A diplomata afirmou que as Forças Armadas pretendem conseguir do Congresso boliviano a aprovação de recursos para investimentos em Pando.

Segundo ela, a mobilização de tropas em Pando diz respeito a um assunto interno da Bolívia. "Isso não nos diz respeito. Quanto à presença de brasileiros, vamos fazer uma reunião com as autoridades bolivianas e discutir a situação."

## Para alguns, Brasil é pior

Da Agência Folha, na Bolívia

Raimundo Luiz de Brito, 58, trocou o Ceará pela Bolívia. Fugiu da seca, embrenhou-se na Amazônia boliviana e passou a viver da exploração da borracha e da castanha.

Depois de 30 anos em Pando, sua vida pouco mudou. Para cada quilo de borracha que vende, recebe o equivalente a R\$ 0,60.

Para obter um quilo, precisa retirar látex de 200 árvores. Para comer, cultiva arroz, mandioca e feijão.

Segundo a diocese de Rio Branco (AC), a situação de Brito é igual à da maioria dos brasileiros que vivem em Pando.

Melhor sorte teve o casal Antônio José Sutil, 60, e Maria Pedrosa Sutil, 58. Os dois mudaram-se do Paraná para a Bolívia no final dos anos 70.

Hoje ocupam 1.700 hectares de terras na localidade de San Antonio, onde criam gado e plantam milho, arroz, mandioca e feijão.

"Não estamos ricos, mas estamos melhor aqui. No Paraná, trabalhávamos como bóias-frias", diz a mulher.

Alderico Ribeiro da Silva, 70, tentou retornar para o Brasil, mas não se adaptou. Ele é casado com Angélica, nascida na Bolívia, e tem oito filhos.

Vivem no povoado de Porvenir, onde trabalham na lavoura de arroz e feijão. "Aqui pode ser ruim, mas estava pior no Brasil", diz.

Ele reclama da "implicância" de policiais bolivianos. "Já tentaram me barrar na fronteira e extorquir dinheiro. Tive de brigar para entrar em Pando e voltar para casa".

Lídio Banega Bezerra, filho de um cearense com uma boliviana, diz que o brasileiro precisa evitar conflitos. "A primeira regra é não falar português perto dos bolivianos", recomenda.

Na comunidade de Vila Amazônica, os filhos de brasileiros não enfrentam problemas para estudar na única escola pública do local.

A única exigência é que eles sejam alfabetizados em espanhol. A professora Gládis Farinas, 32, diz que os brasileiros são "bons alunos" e não reclamam de ter aulas em espanhol. (LM)

## Centavos compram hectares

Da Agência Folha, na Bolívia

As terras de Pando pertencem ao Estado e, por isso, não têm valor de mercado. Os documentos fornecidos pelo governo são de "posse provisória".

Um hectare (equivalente a 10 mil metros quadrados) custa apenas R\$ 0,86 em Pando. No Estado do Acre, um hectare sem benfeitorias custa, em média, R\$ 300.

Waldemar Lopes Pereira, 50, disse que, se estivesse no Brasil, jamais conseguiria ter uma propriedade rural. Na Bolívia, ele tem 660 hectares.

Na sua fazenda, ele cria 52 cabeças de gado e usa uma parte das terras para cultivar arroz, feijão, milho e mandioca.

"A terra dessa região nunca teve preço. Quando a gente vende uma área, só recebe pelo que construiu ou criou. A terra vai de presente", disse.

A terra barata e farta em Pando é um dos principais motivos da "invasão" de brasileiros à Bolívia, nos últimos anos, segundo Héctor Aguarda Camargo, 53, secretário-geral da Federação de Camponeses da Bolívia.

"A ocupação descontrolada da terra está causando a devastação da Amazônia boliviana", disse.

Segundo ele, a madeira de lei é a principal riqueza das terras de Pando. Gigantescas árvores de cedro, mogno e comaru, consideradas valiosas e que teriam mais de 300 anos, estão sendo cortadas por serrarias.